

MISSÃO PARA UM NOVO ANO

Roberto Rodrigues*

Diante de um novo ano, o mundo rural se organiza para enfrentar o maior desafio da humanidade nos tempos correntes: compatibilizar a oferta de alimentos a uma população crescente e com maior poder aquisitivo com a preservação dos recursos naturais, com ênfase para a água, tendo em vista a questão das mudanças climáticas. Esta temática coloca a atividade rural no centro das discussões político-econômicas, dando a ela um protagonismo que nunca teve: ao contrário, o setor tem sido tratado ao longo da história com certo distanciamento por parte das sociedades urbanas. Mas os números que a ONU sinaliza para 2050 tornam a agropecuária uma função essencial para a sobrevivência humana: seremos quase 10 bilhões de habitantes no mesmo planeta que hoje abriga pouco mais de 7,2 bilhões, com a mesma quantidade de terra para produzir, naquele ano, 60% mais alimentos do que produzimos atualmente. Um senhor desafio.

Discussões intermináveis sobre isso em congressos científicos que acontecem a toda hora nas mais diferentes regiões do planeta acabam sempre com recomendações de ações por parte dos governos e do setor privado, em geral apontando para tecnologias e políticas públicas que garantam a sustentabilidade da atividade produtiva. Mas nem todos os países assumem compromissos com tais recomendações, fora o fato de que algumas potências simplesmente ficam fora das discussões.

E há um ponto que ninguém pode desprezar: o tema da preservação ambiental se tornou uma demanda fundamental da juventude em qualquer lugar do mundo. E a produção de alimentos está indissoluvelmente ligada a ela. A falta de clareza quanto a essa situação produz movimentos de todo tipo, que nem sempre tem ligação com a realidade. Propostas teóricas inviáveis surgem e se vão, ao lado de outras lúcidas e factíveis que não saem dos papéis.

Está passando da hora de ações realistas que precisam ser tomadas por cidadãos conscientes ao redor do mundo em torno da bioeconomia, elemento chave para o sucesso dos projetos pela sustentabilidade da produção agropecuária.

Mas é absolutamente fundamental que duas premissas sejam esclarecidas à exaustão. A primeira é a comunicação honesta, sincera e verdadeira sobre que medidas devem ser assumidas por cada país e cada cidadão. Esta tem que ser baseada na tecnologia moderna e nas inovações que surgem nas instituições de pesquisa do mundo todo.

E a segunda é a consideração com dois personagens centrais dessas ações, os produtores rurais e os consumidores que, ao fim e ao cabo, representam a unanimidade dos terráqueos. Mas que, surpreendentemente, muitos líderes de governos e instituições ignoram.

Entre os produtores, há que enfatizar a problemática dos pequenos, dado o fato de que nem todas as tecnologias disponibilizadas estão ao alcance de seus orçamentos, o que pode significar a inaceitável condição de que a ciência seja um fator de concentração da propriedade da terra. Torna-se imperioso o

desenvolvimento de tecnologias acessíveis a esta vasta categoria de agricultores que compõem uma parcela significativa do tecido social no campo.

E entre os consumidores, que somos todos os humanos vivos, há que considerar as tendências de busca por alimentos produzidos de forma sustentável, o que é de todo desejável, mas esclarecendo o que é legítimo e o que é enganoso. Será cada vez mais relevante separar o joio do trigo, separar os interesses menores de agentes comerciais da grande e correta demanda da juventude de hoje, líderes de amanhã.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**